



## DESENHANDO E OBSERVANDO: DESAFIOS NO ENSINO DA ARTE

### DRAWING AND OBSERVING: CHALLENGES IN ART EDUCATION

Mariana Sperandio Teixeira<sup>1</sup>  
Andréia Salvador Lemker<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo expor a importância e desafios do desenho para o ensino da arte, abordando as experiências que tivemos na disciplina do Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte no Ensino Fundamental, em que realizamos aulas acerca do desenho de observação em uma turma de 3º ano da rede pública, com 25 crianças na faixa etária de aproximadamente 8 anos. Destemodo, tentamos ampliar o olhar dos alunos em relação a essa temática, apresentando técnicas e materiais diversos do universo do desenho, a fim de possibilitar novas experiências e expandir a visão para este campo artístico.

#### PALAVRAS-CHAVE

Desenho de Observação; Ensino da Arte; Educação; Estágio.

#### ABSTRACT

*The present work aims to show the drawing challenges in art education and its importance based on the experiences we had in the Supervised Intership of Art Teaching in Elementary School, where we performed classes about observation drawing in a 3rd grade class of a public school with 25 kids that were approximately 8 year old age ranged. Thereby, we tried to widen the students vision on this thematic, presenting techniques and diverse material from the drawing universe, in order to enable new experiences and expand their vision on this artistic field of study.*

#### KEYWORDS

*Observational drawing; Art Teaching; Education; Intership.*

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Mariana Sperandio Teixeira é graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atua como monitora no CEI Criarte. Em Abril de 2019, participou como comunicadora do "I Seminário de Estágio Supervisionado no Ensino das Artes Visuais, com a apresentação do projeto "Desenho de Transferência – Desenhando com o sentido do Tato". Possui pesquisas sobre a influência da Arte e Tecnologia na Educação no processo de formação de futuros professores e na Educação Infantil. Contato: [sperandio.mariana@gmail.com](mailto:sperandio.mariana@gmail.com).

<sup>2</sup> Andréia Salvador Lemker é graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Trabalhou como estagiária na parte de desenvolvimento de criação para mídias sociais e interface de sites na empresa Backstage Digital. Em Abril de 2019, participou como comunicadora do "I Seminário de estágio Supervisionado no Ensino das Artes Visuais", com a apresentação do projeto "Lenda Folclórica". Investiga a influência dos animes nos desenhos dos jovens. Contato: [andreialemker5@gmail.com](mailto:andreialemker5@gmail.com).



Este trabalho se constitui a partir de problemáticas vivenciadas ao longo de um projeto desenvolvido em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, como requisito da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Fundamental do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, o qual teve como tema “Desenho de Observação”.

No decorrer de 11 semanas, esbarramos em dificuldades de se trabalhar o desenho de observação na sala de aula, como a valorização estética pelos alunos de seus próprios desenhos — o que implicou a impossibilidade de explorar o traçado e a dificuldade de representar o que se vê no momento de fazer o desenho de observação —, a motivação de quem não tem gosto pela aula de Arte e os poucos recursos materiais dos quais pudemos usufruir na escola em que estivemos.

Trabalhar essa linguagem em sala de aula não se trata apenas de fazer o desenho em si, mas explorar suas potencialidades, desconstruindo o conceito de certo ou errado e percebendo diferentes pontos de vista, fazendo com que as crianças consigam ter um domínio de percepção acerca do desenho que estão produzindo. O projeto que fizemos com os alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental visava a exercitar, por meio de atividades, o olhar, com a finalidade de que desenhassem refletindo sobre como construir as formas dos objetos, buscando representar o que realmente se vê. Este, porém, foi um desafio que observamos nos alunos durante o tempo do estágio, e que buscamos desconstruir ao longo dele.

### APELO PELA ESTÉTICA DO BELO

Desde o primeiro dia de estágio, observamos que as crianças manifestavam muita obstinação em entregar um trabalho considerado por elas como sendo bonito. Dessa forma, quando julgavam o contrário, deixavam de desenvolver o desenho e o amassavam, jogando-o fora (Figura 1).



Figura 1 – Desenho descartado por aluno. Fonte: Da Autora.

No início, eles demonstraram desinteresse pelo desenho de observação, como se não entendessem a proposta do projeto, e perguntavam constantemente se poderiam fazer um desenho livre — o que normalmente correspondia a desenhos figurativos de personagens dos desenhos animados de que gostavam. Nesses momentos, explicávamos que o propósito da aula consistia em desenhar por meio da observação, e não de acordo com a imaginação — não cabendo, naquela ocasião, desenhar livremente.

Notamos, no decorrer das aulas, que a criança, quando desenha, desenvolve seu processo criador e imaginativo, exteriorizando seu conhecimento na característica do traço. Nesse sentido, Ferraz e Furari (1993) abordam:

A criança em atividade fabuladora ou expressiva participa ativamente do processo de criação. Durante a construção ela se coloca uma sucessão de imagens, signos, fantasias [...] importantes para o conhecimento da produção da criança e evidenciam o desenvolvimento e expressão de seu eu e de seu mundo. Para a criança, essa linguagem ou comunicação que ela exercita com parceiros visíveis ou invisíveis, reais ou fantasiosos, acontece junto com o seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e resulta do exercício de conhecimento da realidade (FERRAZ & FURARI, 1993, p. 56).

Todavia, dentro do processo de estágio, identificamos que a necessidade de produzir algo “bonito” acabou proporcionando às crianças uma insegurança para a experimentação de outras possibilidades no desenho, impedindo-as de se aprimorarem (Figura 2 e 3).



Figura 2 - Desenho livre experimentando material. Fonte: Da Autora.

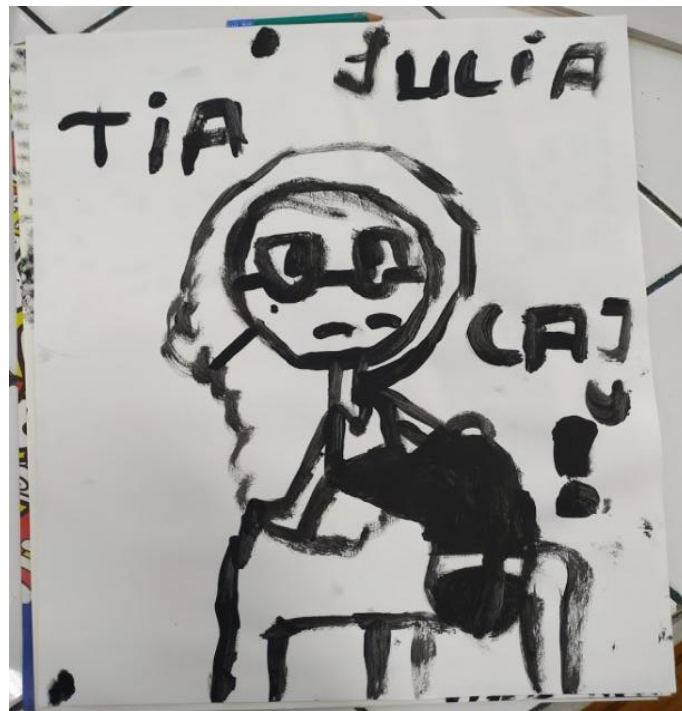


Figura 3 – Mesmo aluno desenhando modelo vivo. Fonte: Da Autora.

Além disso, suas produções artísticas não raramente destoavam da proposta, devido à tentativa de “embelezar” o desenho de observação — que julgavam feio por se tratar de uma leitura visual dos objetos —, inserindo, na maioria das vezes, elementos como o sol, a lua, estrelas e corações, os quais não têm relação com a proposição de desenhar o que se vê, o que se observa.



Os desafios do desenho de observação não se restringem apenas ao fato deste consistirem representar o que se está vendo. Para além disso, buscamos também apresentar para a turma do 3º ano do Ensino Fundamental um outro olhar em relação ao desenho, reforçando que, para o ato de desenhar, é preciso um preparo voltado para a reflexão sobre a proposta, organização de sua composição e visualização de como ficará a produção no papel. E, com este projeto, buscamos principalmente salientar para as crianças que existe um campo riquíssimo sobre o desenho, bem mais abrangente do que somente o desenho livre a que já estão acostumadas, e que há outros outros campos de conhecimento que se apropriam desse tipo de desenho, como o Design e a Arquitetura.

O desenho é uma forma de se expressar por meio de ângulos e manchas, apresentar-se mediante um esquema de projeto. Isso implica escolhas como, por exemplo, decidir sobre o que se quer representar, como se fará o registro, qual material será usado, entre outras questões. É algo complexo que, muitas vezes, é dominado pelo intuitivo.

Quando tratamos do desenho de observação, referimo-nos à realidade observada pelos olhos e interpretada pela mente sobre a qual se faz um registro gráfico, como apresenta o professor da Universidade Federal do Espírito Santo de Pintura e Desenho, Lincoln Guimarães Dias:

O desenho é uma *linguagem*, no sentido mais amplo da palavra. Isso significa que ele “fala”, que ele diz coisas. E que o desenhista, ao realizar um desenho, está materializando também um discurso que contém potencialmente significados dos mais diversos (DIAS, 2009, p. 15).

As aulas acabaram por ser, também, uma forma de iniciar uma desconstrução dos estereótipos concebidos pelas crianças sobre o desenho, uma vez que foram absorvidas técnicas diferentes e desafiadoras e houve processos de mudança nas atividades realizadas, como nas propostas de “desenho cego”, “desenho com a mão não dominante” e o “desenho de croqui”, que visava a soltar o traço, aprimorar a percepção e fazer um desenho sem o compromisso de ser “belo”.

Sendo assim, nosso objetivo durante as aulas foi ampliar as perspectivas a respeito do desenho, possibilitando a experimentação de exercícios que explorassem a linha, as texturas, as hachuras e a gestualidade, buscando findar em uma maior valorização da manifestação



artística. Seguimos, durante esse processo, sempre motivando os alunos a não desistirem do desenho que estavam fazendo, já que o desenho é processo e estudo, tornando o “erro” uma forma de aprendizagem, bem como tentando fazer com que passassem a observar melhor o ambiente que os envolve sem um olhar estereotipado. O experimento é onde o estudante pode utilizar instrumentos que provoquem a curiosidade, a exploração e interesse.

As experiências despertam em geral um grande interesse nos alunos, além de proporcionar uma situação de investigação. Quando planejadas levando em conta estes fatores, elas constituem momentos particularmente ricos no processo de ensino-aprendizagem (DELIZOICOV, ANGOTTI, 2000, p. 22).

### DIFICULDADE DE REPRESENTAR O QUE SE VÊ PARA ALÉM DO QUE SE SABE SOBRE O OBJETO MODELO

Desenhar a partir do que se vê não é algo natural para a criança, como vemos em Góes, que reforça a ideia com o pensamento de Charlotte Bühler: “uma criança não desenha o que vê, mas o que sabe sobre uma determinada situação ou sobre os objetos” (2009, p. 41). Dessa forma, quando se propõe desenhar a partir da observação de um modelo, há, a princípio, rejeição e dificuldade de compreensão por parte do aluno, pois ele entra em conflito com o que sabe sobre o objeto — muitas vezes, algo banal e inserido em sua rotina — e sobre o que está vendo — o que pode ser considerado estranho, devido à posição em que se encontra e a incapacidade de ver o objeto por inteiro. Um copo por exemplo, normalmente tem forma de cilindro e sua “boca” corresponde a um círculo. No entanto, você só enxerga a forma de círculo se olhar de cima, se estiver de frente, a “boca” será mais semelhante a uma elipse e o corpo do copo semelhante a uma forma retangular, mas levemente arredondada em sua base. No caso, vê desse jeito por conta do ângulo em que se encontra diante do objeto. Contudo sabe que em sua forma tridimensional não é bem assim, portanto, quando se desenha, busca-se dar a forma do objeto de uma maneira que seja reconhecido, mesmo representando apenas uma parte dele.

Comprovamos isso quando foi feita esta proposta para a turma de 3º ano do Ensino Fundamental e, constantemente, tínhamos de enfatizar para se limitarem a retratar o que estavam vendo. Isso porque o exercício se tratava de algo diferente daquilo ao qual os alunos estavam habituados, sendo este um estágio de desenvolvimento do desenho que



tem impacto em sua zona de conforto, já que as representações de figuras costumavam ser feitas por meio de formas estereotipadas. Quando experimentavam olhar para uma imagem e se basear nela, acabavam modificando-a a fim de torná-la mais confortável de se representar. Nesse contexto, é fundamental a participação do professor na mediação dos conhecimentos e estilos já pertencentes ao aluno com o acréscimo de informações ainda desconhecidas, de forma a ampliar o repertório de leitura e produção da imagem.

O papel do educador nesse processo é muito importante, pois o desenvolvimento da percepção durante a observação depende dos instrumentos construídos e disponibilizados pelo educador, que se manifestam nas práticas de aula de forma a ajudar o aluno a dialogar com o que está a sua volta, ampliando o que faz parte de sua realidade (JAHN, 2011, p. 7).

Em vários momentos, abordamos as crianças questionando o porquê de retratarem algo de determinada forma quando, na realidade, o objeto ou modelo não era daquela maneira (Figura 4). A resposta normalmente se assemelhava a “porque não sei fazer desse jeito, é muito difícil”. Com isso, procuramos estimular a representação do objeto com base em sua aparência real, mesmo que fosse estranho e complicado.

Além dessa abordagem, em uma aula cuja proposta foi desenhar um modelo vivo com tinta, interrompemos a prática ao observarmos a recorrência de casos em que alunos não conseguiam desenhar devido à complexidade da proposta. A esse ponto, a maioria dos alunos já havia concluído o desenho, e pedimos para que todos colocassem os desenhos na mesa grande ao final da sala. Orientamos que olhassem os desenhos dos colegas, prestando atenção nas estratégias que cada um usou, mesmo que a posição fosse difícil de se retratar.

Durante o momento de elaboração do registro gráfico, a criança apresenta um repertório [...], que é constantemente socializado entre os sujeitos desenhistas, demonstrando um vocabulário cheio de expressões que representam ora a imaginação, ora a realidade (GÓES, 2009, p. 132).

Dessa forma, pretendíamos que uma criança pudesse aprender com a outra a partir da troca de experiências, como apresenta Santos (2008, p. 37), por meio da observação e apreciação do trabalho desenvolvido por cada um na proposta.





Figura 4 - Desenho de retrato feito com carvão. Fonte: Da Autora.

## MOTIVAÇÃO DE QUEM NÃO TEM GOSTO PELA AULA DE ARTE

Uma outra questão observada refere-se aos alunos que não tinham gosto pelas aulas de Arte e recusaram-se, até o último momento, a experimentar as propostas feitas por nós. De início, nossas ações e conversas nessas situações não surtiam muito efeito, até o momento em que a professora da turma conversava e os convencia a participar.

Foi preciso pararmos e pensarmos em outra estratégia para instigar a curiosidade das crianças. Assim, fomos orientadas a apresentar uma proposta alternativa para que elas participassem das aulas de alguma forma. Logo, levamos alguns livros e vídeos sobre desenhos de observação, artistas e projetos a que tivemos acesso no curso de Artes Visuais — os quais levariam os alunos a pesquisarem e aprenderem de outra maneira, despertando interesse pelo tema e pelas aulas mesmo que não estivessem desenhando.

A nosso ver, não é necessário que o aluno goste de Arte; é algo normal preferir uma disciplina a outra. No entanto, cabe ao professor elaborar meios para que o aluno se sinta pertencente à aula, não alimentando o sentimento de que está ali somente por obrigação, e entenda a importância do estudo da Arte para sua vida por meio de conexões com o cotidiano. Célia Maria de Castro Almeida compartilhou essa ideia, expondo que não é interessante manter uma prática pedagógica “engessada” — mesmo porque nenhuma





proposta é adequada para toda e qualquer situação, há momentos em que precisamos reelaborar nossa atuação a fim de melhorar também o nosso alcance (2010, p. 32-33).

### DIFICULDADE DE CONSEGUIR MATERIAIS NA ESCOLA

Na prática do estágio, quisemos apresentar aos alunos a proposta do desenho de observação mostrando alguns materiais de desenho desconhecidos por eles, como diferentes gramaturas e tipos de papéis, tinta nanquim, carvão e giz pastel, além da diversidade das técnicas. Acreditamos muito importante levar este momento de exploração dos materiais, para que pudessem aprimorar conhecimentos básicos e fundamentais das técnicas que envolvem o desenho, trabalhando luz e sombra, a proporção dos elementos, volumetria, texturas e incidência da luz.



Figura 5 - Momento de experimentação dos materiais. Fonte: Da Autora.

Em cada intervenção, buscamos levar materiais para esse momento de experimentação. Assim, na maioria das vezes, nós éramos as principais responsáveis pela providência das ferramentas necessárias para as práticas, uma vez que, dentro de nossa proposta, constava o objetivo de apresentar várias técnicas e exploração de materiais. Contudo, houve algumas impossibilidades, como no uso do papel, pois a escola alegava que ainda não tinha pedido novos materiais e deveria economizar o que restava. O fato de racionar o papel limitou nossa proposta no estágio, tendo sido necessário recorrermos a outra alternativa, a qual veio através de um rolo de papel kraft — que estava abandonado na escola, já cheirando a mofo. Essa questão esbarra com uma problemática presente em diversas escolas, mostrando-nos



um pouco sobre a realidade enfrentada pelo professor, e que contrapõe a proposta de documentos norteadores da educação, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

As **Artes visuais** são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana (BRASIL, 2017, p. 192).

A criança precisa ampliar seus conhecimentos manipulando diferentes materiais, explorando características, manuseios, entrando em contato com várias formas de expressões artísticas, como aponta Almeida:

Os professores que atuam na Educação Infantil e na Educação Básica, particularmente os das quatro primeiras séries, assumem uma posição contextualista ao afirmarem que as atividades artísticas são necessárias porque constituem um poderoso fator de desenvolvimento emocional e social da criança- “servem para extravasar emoções”, “desinibem”, e “socializam a criança”- e também por impulsionar a imaginação e criatividade (2010, p.12).

No decorrer das aulas, foram apresentados artistas e suas técnicas, bem como nossos próprios desenhos produzidos nas aulas de desenho do curso de Artes Visuais, para que eles pudessem ter uma compreensão a respeito da diferença ao usar cada tipo de material.

É a partir da realização dos exercícios que os alunos começam a se identificar com o que mais gostam, com o carvão sendo utilizado para fazer sombreamentos e tons de cinza, e o uso da borracha não tendo a finalidade de apagar os traços, mas sim de produzir ou aperfeiçoar um desenho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ver que as intervenções relacionadas ao desenho de observação contribuíram para a evolução das produções artísticas das crianças e amadureceram os seus pensamentos acerca do desenho nos motiva como futuras professoras.

Este artigo também visou a ressaltar os desafios e dificuldades que encontramos ao longo do processo do estágio e como fizemos para enfrentá-los durante o percurso, tentando sempre motivar e incentivar os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental a continuarem a praticar o



desenho em geral. Mesmo com poucos recursos, tentamos passar um pouco do conhecimento que obtivemos ao longo do nosso curso de Artes Visuais, construindo algo significativo para eles e para nós também, que nos surpreendemos com o rápido avanço de algumas crianças — algumas das quais apresentavam dificuldades nas primeiras aulas, mas logo se sentiram mais confortáveis, construindo notáveis composições e demonstrando entendimento sobre a proposta do projeto quando foi resgatado o que entendiam sobre o desenho de observação em nossa última intervenção.

Tendo em vista o que foi abordado nesse trabalho, temos a convicção de que o desenho de observação é importante no contexto educacional da aprendizagem artística, e devemos usar meios e métodos de ensino para envolver os alunos nas atividades sem perder os momentos de criatividade e descobertas. Aprender a desenhar é mais do que aprender a habilidade por si só, ou apenas representar o que se vê: é analisar o objeto e o que está em sua volta, concentrar-se nas suas dimensões e contornos, é aprender a ver e refletir.

### Referências

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino da arte: construindo caminhos**. 9. ed. São Paulo: Papyrus, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BRASIL, 2017). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>> Acesso em 30 de Junho de 2019, às 15h54.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. **Metodologia do Ensino de Ciências**. São Paulo: Cortez, 2000.

DIAS, Lincoln Guimarães. **Desenho I**/ Lincoln Guimarães Dias. - Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2009.

FERRAZ, Maria Heloisa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GÓES, Margarete Sacht. **As marcas da cultura nos desenhos das crianças**. 2009. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 2009.

JAHN, Andrea Craveiro. **Sobre o ensino e aprendizagem da arte e desenho de observação**. 2011. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, Júlio César Furtado. **Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. 1ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.